FICHA TÉCNICA

Título original: *The Worst Thing She Ever Did*

Autora: *Alice Kuipers*

Copyright © Alice Kuipers 2010

Edição portuguesa publicada por acordo com Westwood Creative Artists Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Rita João Figueiredo*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, outubro, 2014

Depósito legal n.º 380 907/14

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt — www.presenca.pt

*Para o meu irmão, a sua mulher
e a filha de ambos*

*E então as janelas falharam,
e deixei de poder ver para ver.*

EMILY DICKINSON

1

*Os galhos das árvores
oscilam ásperos e nus*

Domingo, 1 de janeiro

Olho para as palavras, negras como aranhas desenhadas com tinta, e vejo as teias que tecem. Há algo de muito agradável em encher uma página em branco, embora nunca fosse capaz de o admitir à Lynda. Ela deu-me este caderno quando fui vê-la na quinta-feira e disse: — Escrever aqui vai ajudar-te a recordar.

— E se eu não quiser?

— Acho que deves.

— Não vai mudar nada.

— Talvez precises de experimentar fazê-lo.

Revirei os olhos.

Ela disse-o com aquele horrível tom paciente: — Queres falar do que estás a sentir agora?

— Estou ótima — disse, desejando que a hora acabasse depressa.

Terça-feira, 3 de janeiro

Pergunto-me o que devo escrever. Nem sei por onde começar, mas gosto do ato de escrita. Suponho que posso começar por esta manhã.

Depois de um sonho horrível, acordei cansada. A maioria das pessoas que conheço estaria com medo de regressar à escola, mas eu fiquei feliz por sair de casa. Hoje foi o primeiro dia de aulas na escola secundária de St. David depois das férias de Natal. Fica a uma desoladora caminhada de dez minutos e sete paragens de autocarro da minha casa em Islington, no norte de Londres. É uma escola só para raparigas. Estou no primeiro ano do ensino secundário, mas como o meu aniversário é só em julho, ainda falta uma eternidade para ter dezassete anos.

Levantei-me, em sutiã, cuecas e *collants*, e vesti o uniforme. Abotoei a camisa azul-clara (tamanho S), apertei o fecho da saia azul-escura (tamanho M) e enrolei-a na cintura para ficar uns cinco centímetros mais curta. Vesti a camisola azul-escura e depois vesti com esforço o casaco, com os seus chumaços horríveis, alisando a lapela junto da insígnia com as palavras *Nil Ye Dread*. Calcei umas sabrinhas pretas. Na garganta tinha o sabor amargo a café queimado, que nem a lavagem dos dentes fazia desaparecer. Estaria nervosa?

Escolhi a mala castanha que a Emily me trouxe de Leeds, corri pelo corredor, passando pelo quarto da Emily, pelo escritório da Mãe, desci ruidosamente as escadas e entrei na cozinha. A Mãe (que é *designer* de interiores — ou pelo menos era) escolheu ter paredes brancas e soalho de madeira em toda a casa menos na cozinha, onde o chão é de mosaicos de corticite vermelha. Não havia ninguém sentado à mesa redonda de carvalho. Sabendo que não havia pão nem leite, não me dei ao trabalho de parar para tomar o pequeno-almoço. Gritei para a Mãe no andar de cima: — Até logo. — Ela não respondeu. Nem tive a certeza se estaria lá em cima.

Atravessei a sala, passando pelas estantes repletas de livros e pelas fotografias giríssimas que a Emily tirou a uns sacos de plástico. Abri a porta da rua e saí para o ar gelado da manhã. As nuvens estavam cobertas de uma luz acinzentada, como fumo espesso. Tentei não pensar em nada, tentei esvaziar a minha mente, mas não conseguia evitar e, por um momento,

as memórias foram fortes de mais. Estendi uma mão trémula, como se fosse uma idosa com doença de Parkinson, e observei-a a tremer. Os meus pulmões enchiam-se de nuvens fumarentas; o ar era demasiado denso para me permitir respirar. Encostei-me à cerca da casa de um vizinho. Respirei fundo. Recordei a mim própria que tudo estava bem.

Entrei no autocarro, concentrei-me em olhar pela janela e cheguei à St. David ilesa. Enquanto passava pelo arco de pedra que dava acesso ao edifício principal, continuei a dizer a mim própria que estava tudo bem; estava na altura de eu esquecer o verão passado. Nem dei pela passagem do trimestre de outono, mas agora era um novo ano, um novo período escolar, um novo começo — e agora era a sério. Passei a correr pela receção, acenei a algumas pessoas, evitei responder a perguntas sobre o meu Natal, evitei olhar para os seus ridículos sorrisos rasgados. Atravessei o corredor, abrindo caminho com esforço por entre a multidão de outras raparigas que caminhavam de braço dado, a falar ao telemóvel, com a Sra. P a gritar-lhes que andassem mais devagar.

Tudo o que acontecia à minha volta — as outras pessoas, o ruído, o som do toque de chamada para as aulas — era tão barulhento que me provocou dor de cabeça. As lâmpadas fluorescentes no teto emitiam uma luz amarelo néon, com uma cor demasiado intensa para os meus olhos. Inspirei lentamente. Lembrei-me da minha resolução de Ano Novo: estou a seguir em frente e a ultrapassar tudo o que aconteceu. Não vou falar disso, pensar nisso, deixar que a memória me caia em cima com a força de um tigre, nada.

Dirigi-me para a sala da minha turma e olhei em volta à procura da minha melhor amiga, Abigail, mas ela não estava no seu lugar habitual à janela, aquele que fica perto dos mapas-mundo que a Sra. Bloxam insiste em usar. A Abi estava atrasada. Ou eu estava adiantada. Lembro-me de quando eu e a Abi costumávamos encontrar-nos junto ao portão da escola e falar de como tinha sido a nossa manhã e a noite anterior, apesar de termos passado toda a noite ao telefone ou a falar pela Internet. A Abi

e eu conhecemo-nos no primeiro dia de aulas, há vários anos, enquanto estávamos paradas no corredor, a aguardar, nervosas, a hora de entrar para a nossa primeira aula. Ela aproximou-se e disse-me «olá», e achei que tinha sido uma atitude muito corajosa, porque eu era demasiado tímida para me atrever a abordar quem quer que fosse. Tornámo-nos rapidamente amigas. Fazíamos tudo juntas. Eu era calma, forte e solidária, era boa aluna e boa ouvinte; ela era divertida, impulsiva, alegre. Fazia-me rir.

Suspirei e fui para o meu lugar. Havia uma rapariga nova sentada na secretária ao lado da minha. Ela fazia o nosso uniforme parecer bonito (coisa que eu achava que não era possível). A camisa dela não era nem demasiado justa nem demasiado larga e a cor fazia um bonito contraste com a sua pele leitosa. A saia curta deixava ver o padrão em rede dos *collants* e os sapatos que usava tinham um pequeno salto.

Estava sentada e debruçada sobre a mesa, a escrever qualquer coisa, com o cabelo negro asa de corvo a cair pelo tampo, longo e brilhante. Sem erguer o olhar, perguntou: — Vais continuar aí espedada a olhar para mim ou queres dizer alguma coisa?

Não respondi. Então, ela fitou-me e semicerrou os olhos azul-escuros. Disse: — O que foi?

— Nada. Eu só... É só que a Megan costuma sentar-se aí.

— Pois parece que hoje a Megan vai ter de se sentar noutro lugar.

Nunca me teria lembrado de dizer algo tão óbvio. Desfaço-me em desculpas e farto-me de balbuciar palavras confusas quando alguém me confronta. E mesmo isso já não acontece com frequência. Não sabia como responder. — És americana? — perguntei.

Ela dobrou o papel em que estava a escrever e afastou o cabelo da cara. — Sou do Canadá. Mas agora vivo aqui.

— Porquê?

— A minha mãe morreu e eu mudei-me para cá há duas semanas para vir viver com o meu pai. — Fez uma pausa. — O que foi? — voltou a perguntar.

— Lamento o que aconteceu à tua mãe.

Ela encolheu os ombros e disse: — A culpa não é tua.

— Recostou-se e inclinou-se para trás, fazendo a cadeira levantar dois pés do chão.

— O que é que estavas a escrever? — perguntei.

— Nada.

— Estou só curiosa.

— Um poema.

— Que tipo de poema? Nunca conheci ninguém que escrevesse poemas.

— Um poema sobre a morte.

Não consegui perceber se ela estava a falar a sério. Não era o tipo de assunto com que eu brincasse. — Vais ficar na nossa turma? — perguntei.

— O que te parece? — Levou a mão ao bolso e tirou uma caixa de pastilhas elásticas. Ofereceu-me algumas com um breve sorriso, mas eu disse que não com a cabeça.

A campainha tocou e mais alunos entraram na sala. A rapariga nova permaneceu exatamente no mesmo lugar. Os outros olharam para ela como se fosse um animal exótico no jardim zoológico cuja existência lhes parecia pouco provável — como um ocapí ou um panda-vermelho. A Abigail veio ter comigo e deu-me um abraço acompanhado de gritinhos afetuosos.

— Onde estiveste durante todo o Natal, Sophie? Como estás?

Estava apenas a ser simpática, mas não consegui evitar ficar tensa, por as coisas estarem tão estranhas entre nós. Repreendi-me mentalmente por estar a ser ridícula; queria começar o novo período de aulas com tudo NORMAL. A Abi olhou para a rapariga nova, mas não falou com ela, nem mesmo para lhe dizer «olá» ou algo do género. Ela (a Abi, não a rapariga nova) pousou a mão no meu ombro e falou-me de uma festa qualquer que queria dar em sua casa. A minha atenção estava dividida entre ouvir a Abi e observar a canadiana, que desdobrou o papel, roeu a extremidade da caneta e depois continuou a escrever o poema.

Ouviu-se o segundo toque de chamada. A Sra. Bloxam entrou. É tão obesa e está tão em baixo de forma que suspeito que um dia destes vai ter um ataque cardíaco. Imagino as gotas de suor a acumularem-se-lhe na testa enquanto faz a chamada. Subitamente, entre a chamada dos nomes «Sophie Baxter» (eu) e «Megan Bigley», faz um som abafado, deita as mãos ao peito, cai por cima da secretária e contorce-se enquanto se debate para respirar, mas é tarde de mais. Morre à frente de todos nós, sem chegar a acabar a chamada.

No entanto, hoje ela acabou a chamada, sem falar na rapariga nova e aparentemente sem reparar que a Megan chegou atrasada e se sentou num lugar vago com os braços cruzados a lançar olhares fulminantes a toda a gente. A Sra. Bloxam perguntou-nos se tínhamos tido um bom Natal e depois divagou: — Estamos a começar um novo período e estamos todos ansiosos por... ah... ultrapassar os... ah... acontecimentos terríveis do ano passado. Vocês, meninas, todas vocês — e de certeza de que nesta parte olhou para mim — têm de começar a concentrar-se no que temos de aprender, em tudo — nesta altura inspirou, pois estava a ficar sem fôlego —, em tudo o que se aproxima, com todo o rigor... ah... necessário para enfrentarem o futuro. Quando derem por isso, estarão em pleno...

Parei de ouvir. Encostei a caneta à superfície de madeira da secretária e escrevi a primeira letra do meu nome. S. Sophie. Perguntei-me se seria uma pessoa nova se tivesse um nome novo. Uma pessoa sem passado. Uma pessoa que tivesse apenas o futuro à sua frente. Insisti com a caneta no S, gravando-o na madeira, e senti um calor nas costas. Virei-me, mas não estava nada atrás de mim. Nenhuma fonte de calor, nada. Apenas a Zara a pintar uma estrela prateada em cada uma das suas unhas perfeitamente cuidadas. A Zara é negra e tem um corte de cabelo muito recortado junto às orelhas, o que lhe dá um certo ar de duende. Parece uma modelo. Ela olha para mim e faz beicinho: é a sua forma de sorrir. Viro-me novamente para a frente. A Sra. Bloxam, ainda a transpirar e a divagar, diz-nos que vamos ter um

professor de dança que vem de Manchester dentro de duas semanas. Depois, apresentou-nos finalmente à rapariga nova. Chamava-se Rosa-Leigh. A Megan levantou-se de um salto, interrompeu-a e disse que a Rosa-Leigh estava sentada no lugar dela.

A Megan é baixa e tem seios grandes. Tem o cabelo áspero e baço, de um tom castanho lamacento. Tem uma boca grande com dentes tão perfeitos que até irrita. Usa autobronzeador para parecer menos pálida. Tem olhos cor de avelã, o que parece uma descrição de uns olhos bonitos, mas que na realidade são demasiado amarelados para a sua pele clara; mesmo quando abusa do autobronzeador, continua a parecer que tem os olhos da cor errada. Nunca gostei dela. Sempre tive dela uma imagem pastosa, como de um pão por cozer, talvez por ter um corpo sem formas, à exceção dos seios grandes, mas sei que não devia fazer estes juízos maldosos — a forma do meu corpo também está longe de ser perfeita. Suponho que não gosto dela por ser uma «parasita». Está sempre *agarrada aos outros*. Seria de pensar que o faz por ser insegura, ou algo assim, mas a verdade é que se *adora*. A Sra. Bloxam cerrou os lábios, olhou para a Megan, depois virou-se para o outro lado e disse à Rosa-Leigh que se mudasse para a secretária vaga do seu lado esquerdo.

Observei a Rosa-Leigh. O resto da turma fez o mesmo: trinta pares de olhos. Ela esperou durante tempo suficiente para levar toda a gente a pensar que não ia sair dali; depois, no último momento, pegou nas suas coisas, levantou-se e disse «claro» e mudou de lugar.

A primeira aula foi de duas horas de Arte. Depois tivemos um intervalo. Depois Inglês e História. À hora de almoço, a Abigail pegou-me no braço e arrastou-me para a mesa onde estava sentada com a Megan. A Zara veio sentar-se ao pé de nós e limitei-me a ouvir enquanto elas as três tagarelavam sobre os trabalhos de casa, o namorado da Megan e as fabulosas férias de Natal da Zara em Espanha. Não falei muito. Tudo tinha mudado no período passado, e agora sentamo-nos todas juntas e fingimos que a Abi-

gail não costumava gozar com a Megan e com a Zara por serem chatas e fúteis. Continuo a não gostar da Megan, nem da Zara, para ser sincera, e a Abigail também costumava não gostar delas. Ela disse-me no ano passado que não confiava na Megan e que a Zara a fazia sentir-se insignificante e estúpida. No entanto, parece que a situação mudou. Fiquei ali sentada a ser normal e a rir-me sempre que era esperado, porque agora é assim que as coisas são.

Começaram a falar da festa da Abigail. (Ela vai dar a festa porque a mãe dela vai estar fora no fim de semana a seguir ao próximo.) A Megan vai ter a casa da Abigail às cinco e todos os outros devem aparecer às oito. Eu estou incluída no grupo de todos os outros. Costumava ser eu quem ia para lá mais cedo. Lembro-me de uma ocasião, há vários anos, em que a Abi e eu planeámos uma grande noitada na casa dela. Passámos a tarde anterior entusiasmadíssimas, a escolher filmes e a juntar pacotes de batatas fritas e chocolates para o nosso festim noturno. Chegaram as oito da noite e ninguém apareceu. Ela estava à beira das lágrimas, por isso enfartámo-nos com as batatas fritas e vimos os filmes todos até que percebemos que tínhamos dito a data errada às pessoas. Apareceram todos no dia seguinte e eu e a Abi estávamos exaustas por termos passado a noite anterior em claro. Passámos anos a fazer piadas acerca da nossa falta de talento para organizar noitadas, até que chegou ao ponto de bastar uma de nós pronunciar a palavra *noitada* para a outra sorrir. Perguntei-me se a Abigail também se lembraria. Olhei para ela, que não estava a olhar para mim. Estava muito ocupada a dizer que «os amigos do irmão da Megan também vêm e a Megan escolheu uma banda sonora ótima». Eu mal podia esperar para sair daquele refeitório a abarrotar.

Sábado, 7 de janeiro

Hoje à noite a Mãe encomendou o jantar a um restaurante chinês com *take-away*: frango com limão, porco agridoce, arroz

chau-chau. Comemos em silêncio. Assim que acabámos de comer, ela levantou-se da mesa e passou o resto da noite no escritório com a sua coleção. Eu saí para comprar comida de gato para a pobre *Fluffy* e dei-lha assim que regresssei. Ela ronronou e roçou-se nas minhas pernas em sinal de gratidão. Pus água a ferver. Ia perguntar à Mãe se queria uma bebida quente, mas quando cheguei ao andar de cima, ouvi-a a chorar do outro lado da porta. Desci as escadas a correr e fiz um chá só para mim (sem leite, *bah*). Liguei o computador para ter um ar ocupado quando a Mãe descesse, para ela não perceber que a tinha ouvido.

Segunda-feira, 9 de janeiro

A Rosa-Leigh, a rapariga nova, e eu apanhamos o mesmo autocarro para casa, mas ela nunca fala comigo. Em vez disso, sobe para o segundo andar do autocarro assim que entramos. Ainda bem. Gosto de passar o caminho a olhar pela janela, sem pensar em nada.

Terça-feira, 10 de janeiro

Esta noite fiz os trabalhos de casa todos e vi televisão durante cerca de duas horas. Nunca dá nada de jeito, exceto remodelações de casas ou programas muito violentos que não consigo ver. Desliguei a televisão e deixei-me estar sentada sem fazer nada por um bocado. Melancólica, desejei que a Abigail me telefonasse. Afinal de contas, somos melhores amigas. Eu sei que ela não liga porque não sabe o que dizer, até já mo disse, mas gostava que telefonasse, ainda assim.

A Abigail acaba de telefonar. Que estranho. Disse-lhe que estava a escrever e ela quis saber sobre o que é que eu estava a escrever. Disse-lhe que era privado. Houve uma pausa descon-

fortável, embora ainda só estivéssemos a falar há dez segundos e depois ela mudou de assunto. Disse que a Megan ia convidar o irmão e todos os amigos dele para a festa, coisa que já tinha mencionado no outro dia ao almoço, e que um desses amigos tocava num bar ali perto — em Camden. Senti um aperto no peito ao pensar que a Megan estava a planear uma festa com ela — a Megan estava sempre presente nos últimos tempos.

A Abigail disse: — O que se passa?

— Nada.

— Queres vir cá?

Pensei em ir a pé até à estação, comprar o bilhete e ir a casa dela, como já tinha feito milhares de vezes antes. Senti uma grande dor de cabeça. — Tenho trabalhos de casa.

— Ainda não os acabaste? — Eu sabia o que ela estava a querer dizer: *Isso nem parece teu*. — Então, Soph, vem cá. Podemos conversar.

— Não — respondi. — Tenho de desligar. — Não tencionava ser tão brusca, mas depois de ter dito aquelas palavras, não podia retirá-las. Eu sei que ela só está a tentar ser simpática, ser normal como eu quero, mas não consigo evitar. Não compreendo porque não posso ser simplesmente NORMAL. Está tudo bem. Eu estou bem, mas continuo a ser ESTRANHA. PRECISO DE SEGUIR EM FRENTE. — Adeus — disse eu.

Pousei o telefone e depois passei imenso tempo preocupada, com medo que ela tivesse ficado zangada, ou ofendida, ou algo assim, mas quando lhe liguei para pedir desculpa, ela tinha o telemóvel desligado. Liguei para o número fixo e atendeu a mãe dela. Tem um forte sotaque da Rússia, seu país de origem. Saiu de lá quando se casou com o pai da Abi e foi morar para o Reino Unido, sítio que sempre detestou. O pai da Abi deixou-a quando esta tinha oito anos e nessa altura já era tarde de mais para voltar para lá. Ela disse-me que a Abi tinha ido a casa da Zara com a Megan. Imaginei a Abi, a Zara e a Megan a passarem tempo juntas.

— E como estás *tu*? — perguntou a mãe da Abigail.

— Estou bem. E a senhora? — Gostava que as pessoas parassem de fazer aquela pergunta.

— Por aqui está tudo ótimo. Mas já que estamos a falar, diz-me uma coisa Sophie: achas que a Abigail está bem?

— Parece estar.

— E *tu*? Como estás *tu*?

— A sério que estou bem. — Retraí-me. Só quero que me convidem para ir à casa da estúpida da Zara. — Sim, estou ótima — repeti. — Até breve, Sra. Bykov.

Quarta-feira, 11 de janeiro

Quando cheguei à escola hoje, a Abigail estava à minha espera junto ao arco de pedra. Acenou com o seu braço muito magro.

— Olá! — gritou. Tinha o cabelo ruivo em desalinho e, por estar a choviscar, estava ainda mais frisado do que o normal. Deve ter reparado que eu lhe observava o cabelo, porque o alisou quando me aproximei e disse: — Eu sei. Maldita chuva.

— Está ótimo — menti. Ela deu-me o braço e entrámos na escola. Senti o cheiro de tabaco no uniforme dela.

— Que tens feito? — perguntou ela.

— Nada de especial.

— Como está tudo contigo?

— Bem. — Dei voltas à cabeça à procura de alguma coisa para dizer. Porque é que agora falar com a minha melhor amiga era como falar com um estranho que me abordasse na rua para me pedir que doasse dinheiro para caridade? Qual era o meu PROBLEMA? Finalmente lembrei-me de perguntar: — Como estão a correr os planos para a festa?

— Muito bem. Podes vir mais cedo com a Megan, se quiseres. Vem às cinco. — Fez uma pausa. — Mas só se quiseres.

Senti uma palpitação de prazer. Tudo ia ficar bem. — Claro — respondi. — Está bem.

— Alguns dos amigos do irmão da Megan são muito giros. Não consigo parar de pensar num deles. É alto e tem uns olhos azuis ESPANTOSOS... — Não acabou a frase. — É tão bom ver que estás muito melhor. No período passado cheguei a pensar que nunca ias... bem, sabes como é... que nunca ias recuperar.

— Sim — disse eu. Estávamos no corredor que ia dar à nossa sala. A multidão de raparigas ali reunidas estava a fazer-me transpirar. Imaginei que se mais pessoas se juntassem naquele corredor, o cenário podia transformar-se num daqueles acidentes que acontecem em concertos em que as pessoas são espezinhadas até à morte e sobre os quais lemos no jornal. Uma gota de suor começou a descer-me por dentro da camisa. Alarguei a gola com a mão que tinha livre. — Sim, estou muito bem.

Ela apertou-me o braço com força e disse: — Ainda bem. Tive saudades tuas.

— Sim. — Eram as palavras que eu esperava que ela dissesse. Então porque é que não conseguia controlar a minha respiração e apreciar o momento?

— Sabes que és a minha melhor amiga, não sabes?

Uma rapariga deu-me um safanão no ombro ao passar por mim. Na minha mente a multidão aumentou e as raparigas começaram a gritar como se estivessem a matá-las. Um terror autêntico subiu-me pela espinha, como uma língua de fogo. Gaguejei:

— Acabo de me lembrar... esqueci-me de uma coisa na sala de Artes.

— Eu vou contigo.

— Não. Vais acabar por chegar atrasada. — Ativei os músculos do meu rosto para concretizar um sorriso, como um cuco mecânico.

A Abi semicerrou os olhos, mas eu já estava a afastar-me dela.

Precisava de sair dali. — Até logo! — gritei e abri caminho por entre a massa de membros enovelados daquele espaço apinhado, debatendo-me para conseguir respirar. Saí por uma porta lateral.

Na rua, a respirar ar fresco, senti-me mais calma e perguntei-me o que ia fazer comigo. Não tinha a menor vontade de ir à aula de Artes. Era tarde de mais para procurar a Abigail e pedir-lhe desculpa por estar a portar-me como uma louca. Fui para a zona alcatroada com vista para o campo de jogos e fiquei ali parada. O campo é um pequeno relvado mal cuidado com lama nas partes em que as raparigas danificaram a relva a jogar hóquei e a correr. As minhas pestanas cobriram-se com pequenas gotículas de chuva. Era apenas mais um dia cinzento. Só precisava de me lembrar disso.

Quinta-feira, 12 de janeiro

Só quero esquecer. Quando disse isto à estúpida da «Sra. Brown Por Favor Chama-me Lynda» — que é gorducha e débil e que me fita com olhos de gatinho magoado quando não quero falar —, ela respondeu docemente: — Achas mesmo que sim? Não sei se vai ser bom para ti guardares isso tudo no teu interior.

Estava tão errada que me deu vontade de gritar. Em vez disso, decidi não falar durante toda a hora da consulta. Aborreci-me de tal forma que me senti como se a língua me fosse cair da boca, como uma lesma a cair de uma alface. Tinha de manter os olhos abertos, porque se os fechasse podia ver a Emily, que é a última coisa que quero, mas mantendo-os abertos era obrigada a olhar para a expressão piedosa e paciente no rosto da Lynda.

Fiquei tão farta de tudo aquilo que me levantei de um salto e saí, batendo com a porta. O local de trabalho da Lynda é uma casa geminada igual a todas as outras, de tijolos vermelhos e com dois pisos. As cortinas são amarelas, de um tom alegre, como os que se veem nos hospitais. Virei costas à casa e desci a rua.

Ouvi a Lynda a gritar o meu nome, portanto entrei numa loja para me esconder. Vagueei por entre os corredores e depois dirigi-me ao balcão e olhei para os maços de tabaco. Queria

comprar um maço, apesar de não fumar. Levei as mãos aos bolsos, procurando as moedas com os dedos, mas não tinha dinheiro nenhum. O homem magro atrás do balcão reparou em mim e franziu as sobrancelhas. A Abigail e a Megan fumam; a Zara e eu não fumamos. Durante alguns segundos perguntei-me se as coisas com a Abigail voltariam ao normal se eu começasse a fumar, mas era uma estupidez.

Ele perguntou: — Posso ajudar-te?

Não respondi. Limitei-me a sair porta fora.